

## A OBJETIVAÇÃO DO CORPO INFANTIL: Uma Reflexão Fenomenológico Existencial

Thaís Leite Reis<sup>1</sup>

Maria Fernanda Cerqueira Costa<sup>2</sup>

Samantha Morais Souza<sup>3</sup>

### Resumo

O trabalho consiste em refletir sobre o corpo em uma visão fenomenológico existencial, focado principalmente no corpo infantil, enquanto uma construção em movimento, além de compreender modos alienantes em que o corpo pode ser visto como objeto, podendo vir a gerar uma discriminação da infância. Para isso, o aporte teórico que fundamenta a análise foi a partir da compreensão fenomenológica existencial de Jean Paul Sartre. O método utilizado foi uma revisão bibliográfica virtual em periódicos acadêmicos contemporâneos. Como resultado percebemos que é a partir do olhar do adulto que a criança se constitui e também poder ser invisibilizada socialmente podendo estar sujeitas as violências.

**Palavras- chave:** Corpo. Infância. Existencialismo.

### Introdução

O corpo vem sendo negado por diversas civilizações em nome de uma racionalização do existir. Ora visto como pecado pela igreja ou objeto de menor valor pelo capitalismo, o corpo muitas vezes é punido como forma de adoecimento de uma sociedade moralizante e universal. (PRADO, 2012)

A infância, termo construído socialmente, foi uma fase desprezada em seus interesses sendo vista como pequenos adultos em miniatura (ÁRIES, 1981). A partir da negativa das especificidades de demandas inerentes de cada faixa etária, a criança vem

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia (UFRRJ), Docente do UGB (UGB-FERP)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia (UGB-FERP)

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia (UGB-FERP)

sendo alvo de violências ao longo da história estando sujeitas aos trabalhos exaustivos e abusos sexuais. Sendo assim, pode ser constituída de modo alienado pelo outro, sendo a família, a escola, a fábrica e a religião determinantes de seu ser. (AGUIAR, 2008)

O trabalho tem início apresentando formas distintas de compreensão do corpo seja enquanto material e encapsulado biologicamente, como também um fenômeno inacabado e não necessariamente destinado pelo social. Em um segundo momento, mostramos que por meio da interação disso que é dado e a apropriação singular da existência é que a personalidade da criança se constituirá. Para isso, será preciso refletir sua posição num vir a ser a partir de uma ação libertadora. Tais pensamentos são fundamentais da filosofia de Jean Paul Sartre que dialoga com o cotidiano da existência.

## **Metodologia**

O método utilizado para obtermos as informações foi por meio de uma revisão bibliográfica dos enunciados corpo e infância em site de busca de periódicos científicos e livros de autores que fundamentam a discussão.

Assim, foram selecionados no Scielo quatro artigos em português da temática acima por amostragem diante dos sessenta e dois encontrados. Visto a categoria do trabalho ser resumo estendido nos permitir fazer uma análise mais breve. Após a leitura dos resumos selecionamos os quatro que faziam mais sentido conforme a intenção do trabalho.

## **Resultados e Discussão**

Notamos através das leituras que o olhar do outro pode invisibilizar a infância socialmente. A negação das suas especificidades e a desvalorização de

sua potência pode estar nos ambientes familiares e nas escolas, onde pais e professores possivelmente se distanciam das necessidades emocionais e vivenciais das crianças objetivando em mini adultos nas relações.

O corpo é entendido na fenomenologia como uma forma do indivíduo se manifestar no mundo com sua singularidade através dos gestos e movimentos próprios, bem como por meio da fala, do silêncio e da estabilidade do corpo. Desta forma, o corpo é o modo pelo qual o sujeito existe no mundo em abertura a realidade, por meio da sensibilidade, linguagem e gesto. (FEIJOO, A.M.L.C.; Lessa, M.B.M.F, 2019)

O ser aí (Dasein), modo de ser do homem em abertura dentre os possíveis, se apropria dos espaços e do tempo em uma relação de movimento, apresentando uma maior consciência dos fatos sobre si próprio e sobre o mundo, portanto o corpo é psíquico, sendo ele, a manifestação dos pensamentos e sentimentos. Portanto, gestualizar faz parte da dimensão afetiva do corpo que é visível no contato com o outro, na afetação, escuta e fala que são formas de corporar, ou seja, formas de ser e estar no mundo. (FEIJOO, A.M.L.C.; Lessa, M.B.M.F, 2019)

O existir envolve a totalidade do ser, envolve não somente o falar, mas também o gesticular, desvendando os modos de ser do indivíduo no mundo, afetando e sendo afetado pelo mesmo, colocando-se em movimento. A fala enquanto gesto é um ato de criação de manifestação de si nesse mundo. A existência é primeiramente corporal, assim sendo nosso conhecimento sobre as coisas passa pelo corpo. (CAMPOS, 2017)

A sociedade capitalista captura o corpo como objeto de prazer o reduzindo as imagens de beleza que visa o aumento do consumo de produtos e serviços que prometem esse ideal corporal. A cultura ocidental também enfatiza o controle, domínio e repressão dos corpos através das prisões, manicômios, indústrias e até mesmo instituições escolares que negligenciam a capacidade criativa e expressiva dos corpos humanos e à amplificação da subjetividade. (CAMPOS, 2017)

Assim, o corpo é a forma mais concreta da subjetividade humana e da

expressão das vivências do sujeito, o corpo fala através de tudo aquilo que é observável e que afeta, sendo que por meio do encontro com outro que podemos ampliar nosso poder criativo e dinâmico em movimento no mundo. E ao mesmo tempo pode ser capturado por forças que pretendem dominá-lo visando seus próprios interesses. (CAMPOS, 2017) Diante desse cenário de influências culturais, sociais, midiáticas, econômicas e políticas, refletimos o desenvolvimento infantil, visto que é moldado por esses fatores principalmente pelas relações familiares e escolares. Assim, esses atravessamentos na infância podem contribuir na constituição de sua personalidade. (MACHADO, 2013) Para Sartre (2002), a materialidade do valor cultural, ou seja o outro constitui uma dimensão objetiva da constituição da personalidade do sujeito. Como ele mantém uma relação dialética entre externo e interno, é a partir da subjetividade objetivada que se dão as relações com o mundo, por meio das ações, emoções e reflexões em constante construção.

Na primeira infância, a criança está experienciando o mundo, em fase de descobrimentos, portanto a consciência é irrefletida, ou seja não possui reflexão sobre suas ações. Nesse sentido, as crianças são forjadas pelos adultos no cotidiano para se desenvolverem, moldadas através da aprendizagem social. É através do corpo que a criança tem o seu primeiro contato com o mundo e por meio dele que a mesma expressa seus desejos e reações, o corpo é o modo pelo qual a criança existe em sua subjetividade, mediada pelas relações que são estabelecidas. (MACHADO, 2013)

O mundo adulto e tecnicista tem suprimido a expressão criativa e imaginativa das crianças nos diferentes espaços, seja nos ambientes familiares em que a mesma não tem voz ou não lhe é dada a devida atenção, lançando mão dos dispositivos eletrônicos para silenciá-las, ou nas instituições escolares que pregam uma educação arcaica sem reflexão e sem questionamento acerca da existência, visando moldar corpos e mentes. (MACHADO, 2013)

Durante a história, com o predomínio da razão, o adulto passou a se preocupar com a criança, encarada como um ser irracional, dependente e fraco e com isso, as relações com a infância tinham como principal ideal o controle.

Segundo Reis (2021), o adultocentrismo se caracteriza por uma visão biológica e natural do desenvolvimento, além de fatores econômicos e sociais que visam colocar o adulto num lugar de domínio no processo de desenvolvimento das crianças, em que são representadas sem um lugar de fala. Com isso, atualmente a criança tem sido rotulada a partir do olhar do outro, não observando as dimensões de seu ser e sua subjetividade, o movimento de seu corpo e os gestos infantis. Por isso, é importante deixar que a criança seja o que ela é e o que pode vir a ser, pois vivencia o mundo através de seu corpo de forma diferente do adulto. (AGUIAR, 2008)

No século XV, a falta de investimento afetivo atrelado aos fatores como dificuldade de acesso as condições de higiene e saúde podem ter contribuído para o alto índice de mortalidade infantil na época. Tal valoração dessa fase do desenvolvimento iniciou-se tempos depois por meio da pintura e mais tarde da fotografia das famílias burguesas, que contribuiu para o estreitamento dos laços afetivos mesmo que seja, a priori, naquele momento que os retratavam. (ÀRIES,1981)

O corporar da criança se dá pelo brincar (considerado um modo de existir), através da ludicidade, utilizando-se da capacidade imaginativa e criativa para ser e estar no mundo como forma de potência e um papel ativo na sociedade, sendo capaz de se mostrar ao mundo, bem como ressignificar sentidos. (REIS, 2021) A espacialidade do corpo diz respeito como o sujeito se situa no mundo em relação aos outros objetos. Visto isso, o brinquedo não é um mero objeto para a criança que a utiliza é potência a exigir um espaço livre. (PRADO,2012).

Desta forma, criança é corporar e existe no mundo de maneira única estabelecendo na realidade um contato sensível e curioso sobre o mundo que o cerca, sendo através de seu corpo a capacidade da percepção de toda e qualquer descoberta e experiência. (MACHADO, 2013)

## **Considerações**

Ao que pretendemos mostrar neste trabalho, o sentido atribuído ao corpo na civilização ocidental moderna foi de negar o ser. Isso implica em um olhar para o corpo de modo imutável e biológico.

Ao abordarmos o corpo da criança intentamos uma reflexão desse modo racional e determinado que na prática pode estar atravessado por uma alienação social legitimando diversas violências como sua invisibilidade social.

Todavia, ao que se viu o sujeito histórico e social é pleno de liberdade, inerente a realidade humana, diante das facticidades. A partir desta dimensão sartriana, redimensiona as perspectivas habituais de compreensão para além da causalidade do materialismo científico, atento às possibilidades. Neste sentido, achamos um elo de compreensão do fenômeno calcada na compreensão humanizada não objetual, mas criativa na sua relação com o outro, a partir de uma apropriação singular e libertadora do mundo.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR. E. N. **Crianças de ninguém: roubo, abandono e exclusão no desenho infantil sob a ótica sartreana.** Interpretações Fenomenológico Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade. Editora GdN. Rio de Janeiro, 2008.

ÁRIES. P. **História Social da Criança e da Família.** Editora LTC. Rio de Janeiro, 1981.

CAMPOS, Marcus Vinícius Simões de et al . **Uma fenomenologia do corpo.** *Psicol. educ.*, São Paulo , n. 45, p. 95-99, dez. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752017000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752017000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 nov.2022. <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20170021>.

FEIJOO, A.M.L.C.; Lessa, M.B.M.F. **O gesto fenomenológico: corpo, afeto e discurso na clínica.** 1.ed.IFEN. Rio de Janeiro,2019.

MACHADO, M. M. **Fenomenologia e Infância: o direito da criança a ser o que ela é.** *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 22, n. 49/1, p. 249-264, 2013. DOI: 10.29286/rep.v22i49/1.913. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/913>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

PRADO.R.A.A.; Caldas.M.T e Queiroz. E.F. **O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau Ponty.** Psicol. cienc. prof. vol.32 no.4 Brasília, 2012.

SARTRE. J.P. **O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica.** 17<sup>a</sup>ed. Editora Vozes.Petrópolis,2009.

REIS, Brunara Batista et al. **Transformando olhares sobre a infância: fenomenologia e arte na pesquisa com crianças.** Redalyc, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/264/26469737007/html/>. Acesso em: 27 nov. 2022.